

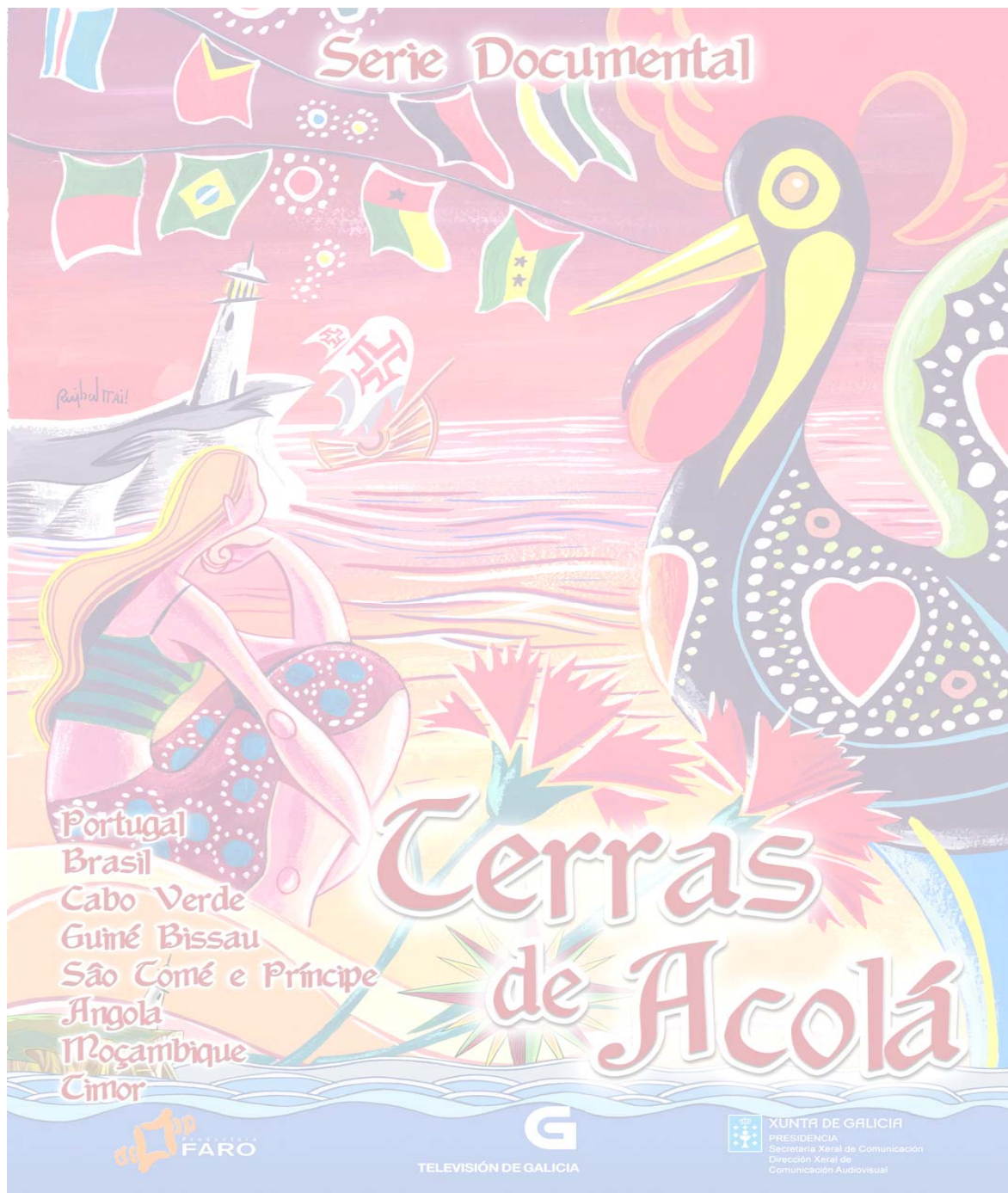


Terras de Acolá

Série Documentário

Terras de Acolá

Série Documentário



ÍNDICE

1. Características
2. O mundo luso
3. Formato
4. Conteúdos
5. Equipe profissional
6. Colaboraões

Terras de Acolá

Série Documentário

1. CARACTERÍSTICAS

Género: ----- Série documentário
Número: ----- 13 programas.
Duração: ----- 26' c/u
Periodicidade:----- Semanal
Formato: ----- Digital 4x3
Produção: -----Televisión de Galicia-Productora Faro.

CAPÍTULOS:

Cap 0: Apresentação

Cap 1: Portugal, miradouro oceânico.

Cap 2: Portugal, serras e planícies.

Cap 3: Portugal, raias na água.

Cap 4: Açores-Madeira, o mediterrâneo atlântico.

Cap 5: Cabo Verde, a pátria da *morabeza*.

Cap 6: Guiné-Bissau, mosaico de povos.

Cap 7: São Tomé e Príncipe, as ilhas do chocolate.

Cap 8: Angola: latejar africano.

Cap 9: Moçambique, cintilar no Índico.

Cap 10: O Brasil, rastro da Descoberta.

Cap 11: O Brasil, o rio do mar doce.

Cap 12: Timor-Leste, a ilha do sol.

Cap 13: Irmandade atlântica.

2. O MUNDO LUSO

A série documentário de televisão *“Terras de Acolá”* está configurada para uma aproximação ao mundo da língua portuguesa, isto, abrange Portugal e os países integrados na CPLP (Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa), que são os que utilizam o português como língua oficial.

Seguindo o rastro traçado por anteriores séries documentários, *“Terras de Merlim”* (países celtas) e *“Terras do Leste”* (novos países da UE), *“Terras de Acolá”* será uma terceira entrega com uma filosofia semelhante às precedentes sobre o aprofundamento na história, língua, costumes, folclore, tradições, gente e particularidades etnográficas dos povos, oferecidas com a máxima qualidade, tanto no guião como no acabamento estético do produto audiovisual.

Para o telespectador generalista, o interesse radica na proximidade geográfica e cultural de países tantas vezes citados mas ainda desconhecidos e cheios, certas vezes, de preconceitos que nada têm que ver com a realidade.

Ao mesmo tempo *“Terras de Acolá”* (que tanto no idioma galego como em português significa “proximidade”, “vizinhança”...) terá também um espírito divulgativo, acessível, e com um formato nitidamente dirigido a todos os públicos, longe de pretensões minoritárias ou de excessiva cultivação.

Como novidade criativa terá anedotas, curiosidades, momentos de humor ou situações inesperadas, próprias das viagens. A sua amenidade irá acompanhada da investigação rigorosa, evitando a superficialidade.

As relações com o Oceano, como país de navegantes e descobridores, serão o motivo essencial no guião de *“Terras de Acolá”* o qual ressaltará a capacidade iniciática dos portugueses e a sua marca internacional e atlântica através dos séculos. Neste sentido, a visita aos países lusófonos é um novo repto de viajante que obtém caracteres de exotismo.

Terras de Acolá

Série Documentário

3. FORMATO

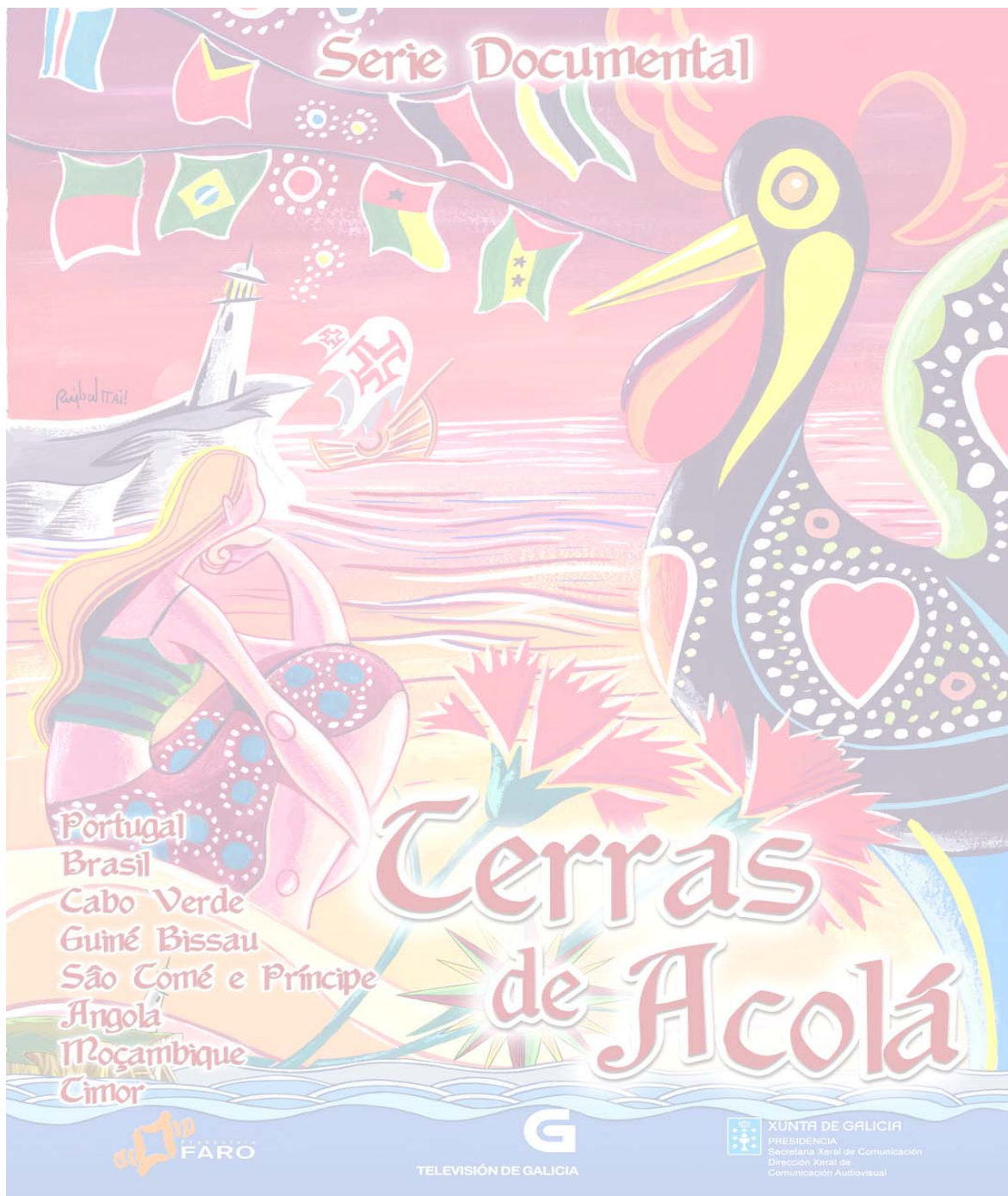
“Terras de Acolá” é uma série documentário que consta de 13 capítulos com duração de 26´ cada um e unha apresentação de 4´ e com uma continuidade em emissão de cadência semanal. Inicialmente, três deles estarão dedicados a Portugal continental, um às ilhas atlânticas (Os Açores e a Madeira). O Brasil terá dois capítulos e os países africanos lusófonos, integrados nos PALOP, terão um cada: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Timor-Leste terá também um espaço. A série finaliza com especial dedicado a Galiza e as relações galaico-portuguesas assim como un breve resumo da serie.

A linguagem das narrações estará originariamente em galego (sem pôr de lado outras línguas, especialmente a portuguesa e a inglesa, ou outra qualquer, já que a edição terá também banda internacional livre) será singela para a sua melhor compreensibilidade. Quanto às intervenções, somos partidários de mantê-las na língua original (português, crioulos, línguas nativas.), que seria legendada em caso de que a mensagem implicasse certas dificuldades para o telespectador.

Além das transições técnicas, haverá outras introdutórias a diversos aspectos geográficos ou etnográficos que estarão baseadas em frases, versos ou pequenos textos de figuras literárias locais.

A característica intemporal das narrações no guião de “Terras de Acolá” implica uma grande vantagem para o emissor já que poderá repeti-los quantas vezes quiser, sem risco de desactualizações ou contextos extemporâneos.

Terras de Acolá
Série Documentário



4. CONTÉUDOS

Terras de Acolá

Série Documentário

CAPITULO 1

“PORTUGAL, MIRADOURO OCEÂNICO”

A série documentário “*Terras de Acolá*” começa com o capítulo “Miradouro Oceânico”, dedicado à presença do mar como chave na história e no sentir de Portugal, chegando a marcar a sua idiossincrasia. Trata-se de um constante olhar ao exterior, em direcção à imensa extensão de oceano que os portugueses souberam reter diante de si, animando-os a descobrir o mundo. Um mar que forjou lendas marinheiras, muitas delas tristes tal e como nos canta o fado. As travessias marítimas e as novas terras que os portugueses encontraram não só se deveram ao interesse das classes altas para descobrir novas riquezas, mas também ao avanço científico da Escola Náutica de Sagres, entre outras razões. E desde a metrópole, Lisboa, chegaram a terras afastadas onde deixaram como principal vestígio a sua língua, de aí o nascimento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com as suas capitais que, assim como Lisboa, também se estruturaram a ver o mar.



Entre os principais monumentos e cidades perto de Lisboa, como Cascais ou Estoril, existem vestígios de uma história relacionada com a Galiza: Veja-se a romântica lenda de amor da galega Inês de Castro e o rei D. Pedro de Portugal. No mosteiro da Alcobaça encontramos o túmulo desta galega que foi coroada postumamente como Rainha de Portugal.

Como parte da história passada e presente de Portugal, figuram algumas das suas principais actividades empresariais, como a indústria do vidro na Marinha Grande.

Se o mar trouxe riqueza a Portugal, do mar vem também um dos seus produtos mais reconhecidos: o bacalhau. As capturas pesqueiras deram lugar a inúmeras lendas e relatos ao redor do trabalho e das façanhas dos pescadores.

CAPITULO 2.

“PORTUGAL, SERRAS E PLANÍCIES”

Este capítulo de *Terras de Acolá* aprofunda nesse Portugal, talvez, mais desconhecido para o cidadão europeu: Portugal interior, os seus usos, costumes e tradições seguindo as celebrações marcadas pelo ciclo do ano. Na época invernal destacam as cerimónias dedicadas ao lume, no centro e no norte do Portugal continental. As figuras dos “pauliteiros”, dançarinos que reclamam a sua esmola são amostras destas festividades.



Na primavera, merece menção especial a Semana Santa de Braga, com uma mistura de tradição cristã e elementos pagãos. E, entre estes últimos, por exemplo, antigas cerimónias baptismas na Ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão, que raia com a Galiza. Mais ao sul, também nestas datas, a devoção pela virgem de Fátima e a grande procissão que recebe, em Maio, peregrinos procedentes de toda a Europa.

A época estival apresenta celebrações em que a protagonista é a relação entre o homem e as bestas. Assim, no sul, celebram-se as touradas, onde um grupo de moços tentam domar um touro, e no norte a “chega dos bois”, onde uma parelha destes machos mede as suas forças até que um dos animais cede. Com proximidade e semelhanças com a Galiza, na zona norte de Pitões, celebram nos verões uma tradicional romaria que leva a sua gente até ao cimo da atalaia do lugar, de onde se podem apreciar as magníficas vistas sobre o Parque Nacional do Gerês.

E já no Outono é tradicional “tomar as águas” nas abundantes termas de água mineromedicinal sobretudo no centro e no norte de Portugal. Na zona de Guimarães aprofundamos no conhecimento da história do rei Afonso Henriques I, primeiro rei de Portugal, do século XII. E neste passeio por cidades históricas portuguesas, destacam também as de Coimbra, Monsanto, Idanha-a-Velha, e já, no Alentejo, no sul português, as cidades de Évora e Castro Verde, com a sua tradicional feira do Castro, celebrada também em Outubro.

CAPITULO 3.
“PORTUGAL, RAIAS NA ÁGUA”

Os rios, a água, são o alicerce em que se apoia este terceiro capítulo de Terras de Acolá. Rios que, outrora, separaram ou serviram de lindes geográficos, entendem-se agora como elementos de união entre os povos. Indagamos através da água neste país, Portugal, rodeado por ela, desde a sua costa em direcção ao Atlântico até aos seus rios, no interior.



Entre estes últimos, o documentário mergulha nas águas do rio Guadiana, pólo sul, visitando históricas vilas fronteiriças com a Espanha, como Olivença, e os seus vestígios de torres e castelos relacionados com épocas passadas nas quais se dirimia a posse das terras. A vida na fronteira entre um país e o outro deu lugar, noutros tempos, não muito

longínquos, a actividades e ocupações concretas, como os pescadores e até mesmo os contrabandistas.

E de entre estes rios, talvez o mais reconhecido e com mais uniões hispano-lusas seja o Tejo. O documentário recupera aqui, de novo, outra antiga tradição profissional, a dos “murtoseiros” e “avieiros”, marinheiros que no duro inverno emigravam para as terras altas do rio dedicando-se à pesca fluvial, e também as suas peculiares construções nas beiras do rio, as *palhotas*, preparadas para as cheias de água.

Seguindo uma ordem geográfica, em direcção ao norte, a paragem obrigatória é a do rio Douro, internacionalmente conhecido por um dos seus produtos estrela: o vinho. A visita a Peso da Régua e Vila Nova de Gaia ajuda a conhecer melhor a sua produção. E mais acima, no nordeste luso, o documentário aprofunda em culturas e línguas que ainda perduram com o decurso dos séculos, como é o caso do mirandês, segundo idioma oficial de Portugal.

E por último, raiando com a fronteira da Galiza: o rio Minho, e ao seu redor, o conhecimento de culturas e antigas tradições, como a dos canteiros e o seu singular vocabulário “a verba”. E, como é óbvio, já que falamos de rios, também estão presentes os seus habitantes graças à exposição da famosa pesca da lampreia nestas águas minhotas.

CAPITULO 4

“AÇORES E MADEIRA, O MEDITERRÂNEO ATLÂNTICO”

As duas únicas autonomias de Portugal, Os Açores e a Madeira, guardam elementos atlânticos, mas também mediterrâneos. A 1.500 km da Península Ibérica, o arquipélago dos Açores e as suas nove ilhas conformam uma paisagem natural onde abundam os vestígios produzidos pelos movimentos sísmicos, de facto, este capítulo de Terras de Acolá começa com a imagem do vulcão do Pico e continua mais adiante com a nova terra que surgiu da erupção de Capelinhos, no Faial. É curioso comprovar o movimento da actividade sísmica com as fumarolas e mananciais que fazem surgir o vapor e o calor debaixo do solo, que se aproveita para cozinhar caldos e cozidos tradicionais.



A natureza das ilhas dá frutos desejados pelo homem, como é o caso do vinho *verdelho*, na ilha de Pico e o mais conhecido vinho de Madeira; o chá, tendo a única plantação de Europa, e as *ananás* de São Miguel. E entre estes manjares, figura a sopa do Espírito Santo, fruto da devoção portuguesa à terceira pessoa da Trindade, manifestada também nos chamados “impérios”, capelas espalhadas pelo arquipélago.



Ponte entre a América e a Europa, há inumeráveis vestígios desta localização estratégica, desde a vigente base da OTAN na Terceira, até às muralhas e castelos que também se podem ver nesta ilha, e que nos falam da sua história. É obrigatório recuperar a época da Descoberta, com João Gonçalves e Tristão Vaz, na ilha de Madeira, um ilhote onde o turismo é agora a sua principal actividade económica. Ilhas, as que conformam o

arquipélago de Madeira, onde começou a grande epopeia marítima na época do Infante Dom Henrique, destacando a este respeito a casa-museu do almirante Cristobal Colombo na ilha de Porto Santo.

CAPITULO 5

“CABO VERDE, PÁTRIA DA MORABEZA”

Cabo Verde compõe-se de dez ilhas, distribuídas de modo a que na parte norte se encontrem as de barlavento, que recebem a força dos ventos e das marés, e na parte sul, as de sotavento. Todas elas a uma distância de cerca de 450 km ao oeste do continente africano, ao sul das Ilhas Canárias. A sua história tem um antes e um depois da sua descoberta pelo navegante português Diego Afonso. Antes do século XV estas ilhas estavam desabitadas e estavam e estão presididas pelo vulcão, ainda activo, da ilha do Fogo. As principais pegadas portuguesas começam na chamada Cidade Velha, na ilha de Santiago, protegida pelo forte de São Felipe dos ataques dos piratas, actualmente restaurado com a cooperação espanhola. Esta ilha foi conhecida também por ser o centro do mercado de escravos.



Possui uma cultura rica. Fruto da sua miscigenação, tem uma língua própria, o crioulo, que coexiste com a língua oficial: o português. A independência do país, em 1975, teve como referente o movimento cultural “Claridade”, impulsionado pelos escritores Jorge Barbosa e Manuel e Baltasar Lopes. Como parte da sua cultura, destaca a música, sendo a *morna* a principal composição musical cabo-verdiana, que expressa “a mágoa da vida”, em palavras da cantora Cesária Évora. Uma cultura que desemboca na *morabeza*, sentimento que fala da amabilidade com o forasteiro, da hospitalidade. A gastronomia dá lugar a pratos elaborados com milho, como a *cachupa*, além dos peixes e o *grogue*, aguardente de cana do açúcar, sendo Santo António a principal ilha para este cultivo agrícola.

Hoje o turismo é o principal reclamo destas ilhas ricas em lugares naturais, de longas praias oceânicas.



CAPITULO 6

“GUINÉ-BISSAU, MOSAICO DE POVOS”

Desde o ponto de vista da natureza talvez o mais representativo de Guiné-Bissau seja o arquipélago dos Bijagós, formado por 88 ilhas num espaço qualificado pela Unesco como “reserva ecológica da biosfera”.

Mas o que mais chama a atenção de Guiné-Bissau é a sua variedade étnica e cultural. É aqui onde encontramos, talvez, mais elementos culturais africanos, como podem ser as danças que marcam a passagem da adolescência à maturidade, muito tradicionais em África, como o denominado “cabaço de billanti” e algumas cerimónias religiosas que requerem o sacrifício de animais.



Os vestígios portugueses em Guiné-Bissau começam com a conquista de Nuno Tristão, primeiro colonizador português do país no século XV. Uma descoberta através dos rios, em direcção ao interior do país, formando cidades nas ribeiras como Cacheu. Na sua história recente, com a independência do país em 1974, devemos salientar a figura de Amílcar Cabral, político que tentou unificar a Guiné com Cabo Verde, e que foi assassinado. Numa extensão similar à da Galiza convivem, 15 etnias, a *fula* e a *balanta*, são as predominantes. Manifesta-se esta mestiçagem no seu Entrudo, um dos mais raciais de África e na riqueza linguística, sendo o português a língua oficial. Mas o crioulo – semelhante ao cabo-verdiano está muito espalhado junto com as nove línguas trocais das diferentes etnias, das quais derivam dúzias de falas locais.

O mercado de Bissau é reflexo desta variedade, nele encontramos a *galinha da Guiné*, o animal que leva o nome do país, ou peças típicas de cores garridas como *capolanas* e tecidos. O país depende muito da agricultura, exporta castanha de *cajú* (anacárdios) e arroz, e da pesca. Mesmo assim, continua a precisar da ajuda da comunidade. Convém recordar os avanços sociais, como as associações rurais das mulheres em Lemberém, tendo em conta o âmbito de uma cultura muçulmana com primazia do poder do homem, exemplificado na figura dos *régulos* ou juizes da aldeia.

CAPITULO 7

“SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, AS ILHAS DO CHOCOLATE”

O segundo estado mais pequeno de África, depois das Ilhas Seychelles, fica situado no meio do golfo da Guiné e na mesma linha do Equador, São Tomé e Príncipe tem só mil quilómetros quadrados de superfície. De origem vulcânica, estas ilhas destacam pela sua natureza transbordante, à qual ajuda um clima de abundante chuva durante quase todo o ano. Percorrem o terreno numerosos rios, onde chama a atenção a imagem típica das lavadeiras sempre a cantar.



Em São Tomé e Príncipe a raiz africana pode ser vista em variados elementos culturais, como as caretas da frenética *Dança Congo*, que fala de uma herança mal cuidada, depois recuperada. Outras manifestações culturais falam também dos potentados colonos, como é o caso das representações teatrais que têm lugar no meio do bosque, como a tragédia ou *Tchilolí*. Entre as línguas crioulas, tendo como língua oficial o português, destacam a angolares e o forro, que é a maioritária. Devemos mencionar o labor do Instituto Camões, na norma da língua portuguesa, presente em todos os Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Neste país, devido à proximidade de áreas francófonas, o francês estuda-se mais do que o inglês.

São Tomé leva o nome do santo do dia em que foi descoberta, 21 de Dezembro, pelos navegantes portugueses Pedro Escobar e João de Santarém no século XV. E Príncipe chamou-se assim em sinal de respeito ao rei português, João II. Além da sua posição estratégica nas travessias ao



extremo oriente, interessava muito a sua produção de açúcar, substituída depois por espécies alheias, como o café e o cacau, que representam o mais salientável das suas exportações. Em relação ao fenómeno da escravatura, em São Tomé produziu-se a “revolução dos angolares”, escravos naufragados nestas costas que lutaram contra o colonizador e que se estabeleceram no sul, na cidade de São João dos Angolares.

Terras de Acolá

Série Documentário

CAPITULO 8

“ANGOLA, LATEJAR AFRICANO”

Descoberta no século XV pelo marinheiro Diogo Cão, Angola leva o nome que as tribos indígenas utilizavam para denominar o seu chefe: N'gola. O documentário de Terras de Acolá mergulha-se neste país que antes da conquista formava parte de um extenso Reino do Congo. Viajaremos desde os desertos, nomeadamente o de Namibe ao sul do país, onde ainda existem oásis, até à grande urbe de Luanda, a capital. A viagem é compartilhada pelos povos nómadas que se encontram no caminho, como os *mukubais* com o seu gado trasumante. Outros mais sedentários, como os *muimilas*, criam cabras, vacas e zebus, e que se misturam na paisagem com a fauna do país: gazelas, gnus, impalas... E entre todos eles, destaca a palanca negra, o antílope símbolo de Angola.



A terra angolana encerra um rico tesouro: o diamante. O documentário fala da história da sua produção, simultânea com a história do país, que se fez independente em 1975, ainda que também destaca o petróleo, entre as suas fontes de riqueza. Face à imagem de prosperidade da urbe, Luanda, é mais dura a visão dos *musseques* ou bairros marginais.

A sua cultura, na qual além da língua portuguesa se falam diferentes variedades da rama linguística bantú. Também aqui teve origem a *capoeira*,



dança que se estendeu depois em direcção ao Brasil pelos escravos. Os missionários e a ajuda internacional colaboram nos programas de formação e educação do país, tendo em conta o excesso de natalidade e a saturação actual nas aulas. “Angola, latejar africano” é um documentário com grande colorido onde é fundamental a mistura com as tribos e com a gente de um país quase todo deserto, excepto na capital.

CAPITULO 9

"MOÇAMBIQUE, CINTILAR NO ÍNDICO"

Moçambique é um país amável, em claro desenvolvimento e progresso, capaz de respeitar a sua rica biodiversidade. Numa superfície que duplica a do estado espanhol, Moçambique alberga seis Parques Nacionais e cinco Reservas Naturais, com flora e fauna marinha, destacando o arquipélago de Bazaruto, e na superfície terrestre, o Lago Niassa, o terceiro mais grande de África. Nas suas ribeiras podemos encontrar leões, elefantes, leopardos e o espectacular voo dos flamingos.



Face à tranquilidade dos lugares costeiros, destaca o bulir da capital, Maputo, antes chamada Lourenço Marques, nome de um afamado comerciante português. Mas durante quatrocentos anos a capital foi a Ilha de Moçambique, face à costa, onde as construções coloniais falam do passado luso, de tempos em que os colonizadores, Pero de Covilhã e Vasco de Gama, chegaram a estas terras no século XV, terras que os portugueses defenderam depois face aos ataques dos holandeses,

como demonstra a fortaleza da ilha. Na actualidade o pulo turístico está em Pemba, ao norte da baía de Cabo Delgado.

As ilhas formam parte da paisagem deste país, como a do descobridor Xoán de Nóvoa, nome do Alcaide de Lisboa, nascido em Maceda (Ourense); ou a de Ibo, de cultura macua, uma das mais estendidas do país, em que os homens são ourives da prata e as mulheres especialistas em elaborar com flores roupa e enfeites. Culturas e danças sossegadas, face ao Oceano Índico, no leste de África, numa terra que outrora serviu de passagem em direcção à Índia.



CAPITULO 10

“BRASIL, RASTRO DA DESCOBERTA”

O Brasil foi descoberto quase por coincidência. Em realidade foi uma inesperada deriva que teve o navegador português Pedro Álvares de Cabral, o qual empurrado pelos ventos alísios e após uma tempestade abordou terra brasileira em Abril de 1500 na localidade de Porto Seguro, onde se refugiou a frota. Cabral tomou posse daquelas terras em nome da coroa portuguesa e, num início, chamou ao país “Terra da Vera Cruz”, para posteriormente dar-lhe a denominação de “O Brasil”, uns dizem que por uma árvore que dava tinta e outros porque lhe vem do nome de um monte do arquipélago dos Açores. Toda a zona do nordeste brasileiro, primeira em ser colonizada pelos portugueses, mantém o nome de “Costa do Descobrimento”.

Mais ao norte de Porto Seguro, no estado da Baía, encontramos a sua capital: Salvador, conhecida tanto por ser uma encruzilhada de culturas, como por ser a pátria do famoso escritor Jorge Amado. Também em direcção ao norte temos a cidade de Recife, em Pernambuco, onde ainda se guardam recordações de Holanda, que atacou e ocupou a cidade no século XVII. É por isso que os portugueses construíram fortalezas defensivas ao longo de toda a costa do nordeste do país, já que era cobiçada também pelas armadas francesa e espanhola, que pretendiam conquistar estas terras estratégicas para a navegação. Mas o Recife sempre foi conhecido pela música e pela dança “frevo”, substitutiva da “capoeira” quando esta foi proibida.



No nordeste não se pode esquecer a importância dos escravos africanos os quais foram obrigados a trabalhar nos labores açucareiros. Com eles veio também as suas culturas e religiões essencialmente o “candomblé”, riquíssima manifestação cultural com matizes religiosos que seguem mais de três milhões de brasileiros. Salvador de Baía, é também uma cidade referencial e fundamental para entender esta ampla região brasileira.

Terras de Acolá

Série Documentário

CAPITULO 11

“BRASIL, O RIO DO MAR DOCE”.

A “pororoca” é um fenómeno natural que ilustra o ruído do Amazonas no seu encontro com o Oceano Atlântico. Mais de 200.000 m³ de água por segundo são depositados na sua desembocadura, preto de Belém do Pará, a chamada cidade das “mangueiras”, porta de entrada e saída do chamado “rio do mar doce” nos tempos da Descoberta. Como Santarém e Manaus, Belém foi urbe chave para o desenvolvimento socioeconómico da região amazónica brasileira.

O segundo documentário de Terras de Acolá dedicado ao Brasil aprofundará na vida, história e costumes do grande rio sul-americano, que leva o nome das guerreiras da antiguidade grega, as “amazonas” que lutavam ao mesmo nível dos homens. Estas figuras mitológicas foram lembradas pelos exploradores portugueses e espanhóis quando encontraram resistência nas povoações indígenas das ribeiras. Hoje, os indígenas da enorme bacia amazónica viram-se reduzidos praticamente a reservas depois de tantos séculos de agressões. Apesar disto, ainda existem contabilizadas cerca de 247 povoações pertencentes a quase 200 etnias diferentes.

O grande rio tem, além de importantes referências históricas aos tempos do auge da *borracha* ou da revolta dos *cabanos*, atractivos para turistas e viajantes, desde grandes áreas protegidas para o “ecoturismo” até a uma gastronomia onde se misturam sabores europeus, africanos e indígenas, um riquíssimo folclore e uma flora e fauna únicas no mundo.



CAPITULO 12 “TIMOR-LESTE, A ILHA DO SOL”

Timor Leste, possessão portuguesa desde o século XVI, conseguiu a independência muito recentemente, no ano 2002. A luta por consegui-la foi muito dura devido à presença da Indonésia, país forte nesta zona do sueste asiático, que ocupara o país e que finalmente teve que abandonar.

Timor Oriental ou Timor-Leste mantém ainda como língua oficial o português, mas o “tetum” é a língua “nacional” e tem origem malaio-polinésico. O “tetum” está a lutar para obter o seu total reconhecimento oficial. Mas nesta pequena porção de terra insular há também uma totalidade de dezasseis falas locais e uma rica diversidade étnica. Timor-Leste é um país católico, apesar de que também estejam presentes outros credos e de que se encontre rodeado da religião muçulmana, já que a Indonésia é o país do Corão mais populoso do mundo.



Os timorenses estão a recuperar o seu país com orgulho e perseverança. As portas ao turismo estão abertas para descobrir uma ilha desconhecida por muitos que têm como aliciantes uma esplêndida costa onde as actividades de mergulho e a visão submarina são consideradas as melhores do mundo, pelas suas formações coralinas e a sua rica fauna. As paisagens timorenses são únicas e variadas, já que à formosa costa lhe devemos acrescentar as zonas extremamente verdes e húmidas da alta montanha.

O artesanato e o folclore são muitos apreciados, sobretudo as danças “kabala”, uma elegante dança cerimonial que se faz em honra dos visitantes. Dili, a capital, já possui todo tipo de possibilidades para os estrangeiros que queiram conhecer este exótico país.

Terras de Acolá

Série Documentário

CAPÍTULO 13 “IRMANDADE ATLÂNTICA”

A série documental “*Terras de Acolá*” chega ao seu fim com um programa especial de 30 minutos, com o olhar sempre posto na Galiza, donde partiu a iniciativa desta longa viagem de 184.000



quilómetros por quatro continentes. A conclusão da série tem em conta os vínculos galegos com o mundo lusófono, desde os tempos da antiga Gallaecia romana até ao actual reconhecimento das realidades linguísticas que partem do tronco comum da língua galaico-portuguesa, fundamental e única nos tempos medievais. Incide-se, do mesmo modo, na utilidade da língua dos galegos para o relacionamento em todos os países

percorridos, a partir de uma perspectiva galega e internacional que tem como premissa a irmandade atlântica. Mas não se exclui uma visão da importância dos crioulos e das línguas nativas, que somam mais de oitenta. Neste programa encontram-se, também, referências que vão além dos oito países integrados na CPLP, chegando até outros enclaves outrora lusos, como Macau, a Guiné-Equatorial ou Ilha Maurício.

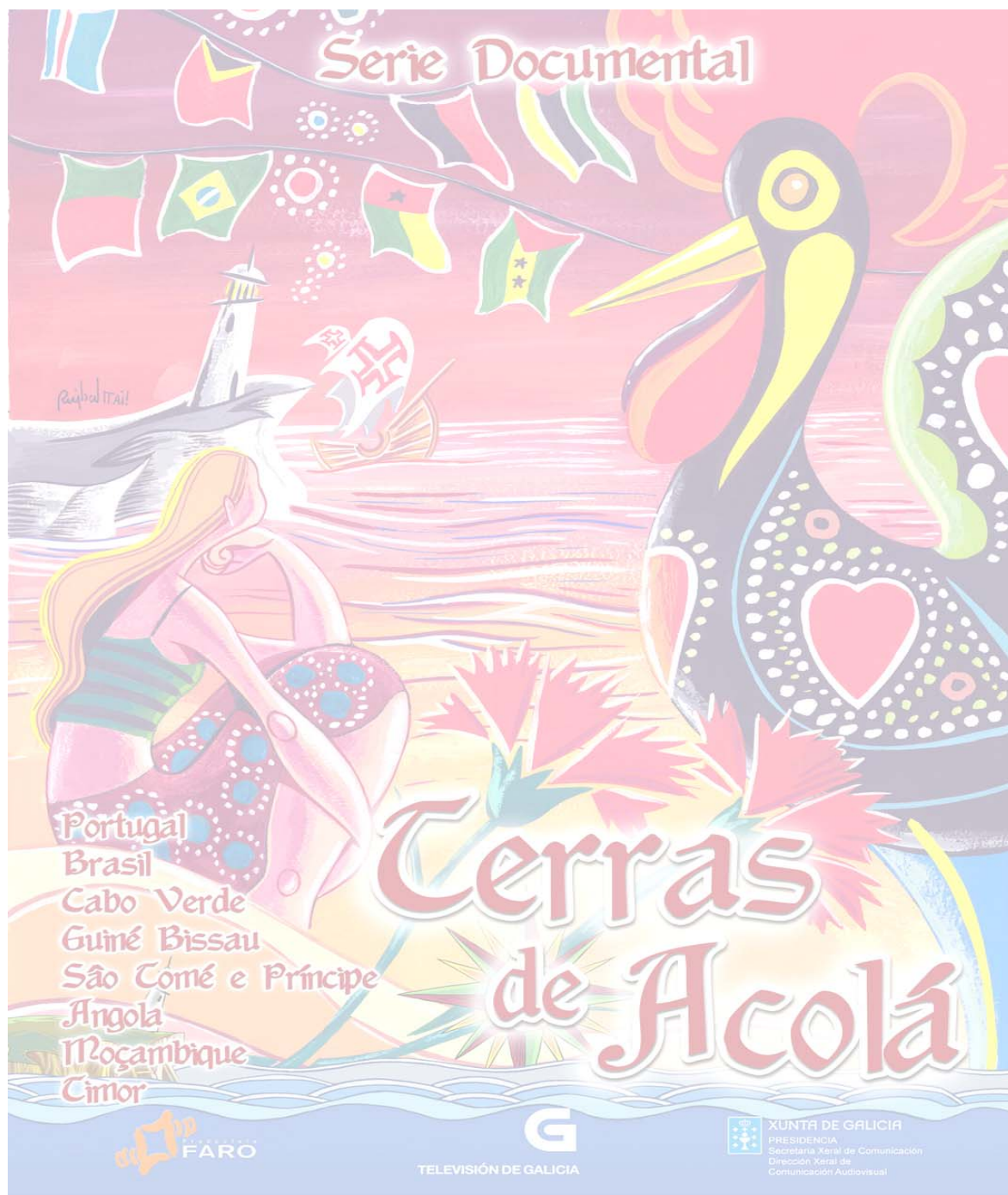
Portugal olhou sempre para o Atlântico, num miradouro oceânico que animava a perscrutar o além, como de facto os portugueses fizeram ao abrirem as rotas da África e da Ásia e, tempos depois, a que os conduziu até ao Brasil. Mesmo Cristóvão Colombo fez quando, na Madeira, finalizou os cálculos antes da descoberta americana.

Em “Irmandade Atlântica” a narrativa focaliza, também, aspectos salientáveis da idiossincrasia dos povos, junto com as pontuais semelhanças com a cultura galega, seja no folclore, seja nas manifestações religiosas não isentas de paganismo, ora no mundo do trabalho, ora nas comunicações e nos avanços tecnológicos, quer no que atinge à situação da mulher, quer com respeito às ameaças que sofre o meio natural. Todo um compêndio de situações resumidas com o desejo de um melhor futuro para a família lusófona.



Terras de Acolá

Série Documentário



5. EQUIPE PROFISSIONAL DE “TERRAS DE ACOLÁ”

6. INSTITUIÇÕES, EMPRESAS E PESSOAS COLABORADORAS

Terras de Acolá

Série Documentário

5. EQUIPE PROFISSIONAL DE “TERRAS DE ACOLÁ”

Guião e Direção

Luís Menéndez

Produtor executivo

Luís Collazo

Produção

Mónica Hidalgo

Xavier Collazo

Virgilio Carrera

Realização-Edição

Hitxu Guillán.

Imagem

Luis Pardo de Vera

Mario González.

Nel Díaz

Posprodução

Manuel A. Martín

Som direto

Iván Mosqueira.

Posprodução de som

Gonzalo Gil

Alex Soneira.

Documentação

Isabel García

Desenho

Fernando Ruibal

Consultor lingüístico

Luz Mendez

Rocío Pérez.

Carme Saians.

Administração

Virgilio Carrera

Begoña Alonso

Meios técnicos

Ignacio Fernández

6. INSTITUIÇÕES, EMPRESAS E PESSOAS COLABORADORAS

TAAG-Linhas Aéreas de Angola. Endiama. Bispado de Malange. Luís Maria Pérez de Onraitia. Embaixada de Espanha em Angola. Francisco Javier Valleure. Juan Lueiro. Cooperación española. Xose Lois García. David Borges. Família Nunes-Socolil. Parroquia de Tombwa. Alberto Mbundi. Ismael Mateus. Luís Saraiva de Carvalho. Ana Fernández. Luandino Vieira. Manuel Rodríguez Vaz. Jose Manuel Miquel. Galería Celamar. Hotel Lubango. TAP. TAM. Oficina de Turismo do Recife. Empetur. Bahíatursa. Setur. Grou S.A. Comunicasson. Manolo Bello. Pilar Díaz. Museus da cidade do Recife Terreiro Pai Adao. Sinagoga de Recife. Fundación Ricardo Brennand. Fundación Francisco Brennand. Paula Borges. Leonardo Dantas. TV Brasil. Adriano de Angelis. Engenho Uruaé. Cissa Campos. Solar de Unhão. Museo Afro-Brasileiro de Salvador. Casa Fundación Jorge Amado. Reserva da Jaqueira. Hotel Mirasol. Prefeitura de Manaus. Conselho Indigenista Missionário. Floresta Nacional do Tapajós. Comunidade Maguary. Teatro Amazonas. Palacio do Rio Negro. Tiwa Amazonas Ecoresort. Museus da Cidade de Bélem do Pará. Gustavo Jarussi. Arminda Mendonça. CPLP. Luis Fonseca. Antonio Ilharco. TGV (Televisión Guinea Bissau). Eusebio Nunes. RGV (Radio Guinea Bissau) Embaixada Guiné-Bissau en Lisboa. Hamadi Ahmed Yama. Ação para o Desenvolvimento (AD). Hotel Bissau. Mamadu Jao. Fátima Proença. Carlos Scharwz. Victor Madrigal. Inocencio Gomes. Mamá Seide. Francisco Conduto. Quintino Bedane. Santiago Rodriguez. Xabier Sánchez. Agueda Gomez. Muttaro Galissa. Felisa Rodriguez Pardo. Fernanda Almeida. Turismo de Portugal Norte ADETURN. Vidago Palace Hotel, conference & Golf Resort. Hotel Ibis Bragança. Casa nobre do Correio Mor. Luís Martínez Risco. Paula Godinho. Universidade Libre de Lisboa. Museo nacional de Etnoloxía. Gonzalo Vázquez Pozo. Manuel Antonio Cao. José Viale Moutinho. Quality Inn Montalegre. Restaurante Nevada. Câmara municipal de Montalegre. Orlando Alves. Companhia teatral Filandorra. Junta de Freguesia de Pitões. António Ferreirinha. Caldas de Chaves. Hotel Aquae Flaviae. Comisión de festas de Costantín. Câmara municipal de Seia. Queijos Casa Matias. Quinta do Chão da Vinha. Hotel Camelo. Restaurante O Fialho (Évora). Aldeias históricas de Portugal. Oficina de turismo do Alentejo. Câmara municipal de Castro Verde. Turismo de Portugal. Oficina de Turismo de Lisboa. Associação “Alcance” (Alcoutim). Victoria Cassinello. Câmara municipal de Vila Velha de Rodão. Estalagem Portas de Rodão. Francisco Henriques. Associação de estudos do Alto Tejo. Humberto Vasconcelos. Projecto Palhota Viva. Região turismo Douro Sul. Aida Cuiñas. Estalagem Santa Catarina. Xerardo Pereiro. Universidade Tras-os-Montes e Alto Douro. Faculdade de Antropoloxía. Restaurante Balbina. Restaurante Jordão. Domingos Raposo. Radio Mirandum. Câmara municipal de Melgaço. Rui Solheiro. Estalagem Casa Melo Alvim. Restaurante Conde do Camarido. Grupo etnográfico Areosa. Oficina de turismo do Algarve. Natalie de Jesús. Oficina de turismo de Sotavento. Sónia Tomás. Hotel Faro. Hotel Vila Gale Tavira Albacora. Câmara municipal de Tavira. Escola náutica de Sagres. Museo dos Descobrimentos (Lagos). Aurícia Erika. Pedro Félix. Museo do Fado da Alfama. Radio Televisão Portuguesa. José Fragoso. José Maria Lopes de Araújo. Luís Marinho. Bruno Santos. Fátima Cavaco. Instituto Camôens. Maria de Jesús Lopes. Samuel Rego. Didier D’Arcy. John Rutterford. Oxford University. King’s College London. Câmara municipal de Vila do Conde. Hotel Santana - Vila do Conde. Museo do Mar de Ilhavo. Álvaro Garrido. Estalagem Riabela. Torreira Pescas. Tavares Mascarenhas, S.A. Oficina de Turismo Timor-Leste. Embaixada de Timor-Leste en Lisboa. Discovery Inn. RTP Timor-Leste. Francisco Piedade. Pedro Balador. TVTL. (Televisão de Timor-Leste). Eleuterio Sousa. Universidade Timor Loro Sae. Benjamín de Araújo. Ministerio de Agricultura de Timor-Leste. Pousada de Baucau. Jose Ramos Horta. Museu do Trabalho de Setúbal. Úrsula e Rosa Soares. Grupo folklórico *Haburas Domin*. Grupo danza mulleres de Ocom. Cindi Mendoza. Pescadores de Jaco. Embaixada de Espanha en Mozambique. FUTUR. Linhas Aéreas de Mozambique. Pemba Beach Hotel. Matemo Resorts. Polana Serena Hotel. João Afonso. Francisco Noa. Gervasio de Jesús. Fernando Sumbana. Xesús Pérez. Antonio Yañez. Eliseu Rodrigues. Carla André. Turismo dos Açores. Turismo de Madeira. Hotel Quinta da Bela Vista. Alberto Vieira. Madeira Wine Company. Hittfly Airlines. Hotel Marlin Beach. Câmara Municipal de Água Grande. Embaixada de São Tomé e Príncipe en Lisboa. Grupo Tempo. Tragedia Florentina de Caichao Grande. Inocencia Mata. Joel Gómez. Nacho García. Oscar Medeiros. Luís Morais. Gabriel Pires. Cosme Mota. Isaac Santos. Claudio Corillo. Charles Moda. Radiotelevisão Caboverdiana. João Pires. Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV). Hotel Riu Funana. Ministerio de Cultura de Cabo Verde. Câmaras Municipais das Ilhas de São Vicente, Santo Antão e Sal. Restaurante Cultural Café. Batucadeiras da Cidade Velha. Luzia Oca. Carmelina Presa. Moisés Évora. Universidade Lusófona. Esmeraldo de Azevedo. Gregorio Firmino. Zacarías T. Sumbana. Faculdade de Letras de Maputo. Abacar Abdul Safar Naimo. Alfredo Ramos. Maria Cremilda Massingue. Aureliano Antonio Ribeiro.